



SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO NA UNIVERSIDADE: A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES E ESTUDANTES¹

Michele Pereira de Souza da Fonseca²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as percepções dos professores e estudantes sobre situações de exclusão na sua instituição. Constituiu-se numa pesquisa qualitativa, com abordagens quantitativas por meio de questionário direcionado aos respondentes. Os resultados mostraram que as situações de exclusão percebidas envolviam a ênfase nas práticas e na técnica, o sobrepeso, o biotipo adequado para ser professor de Educação Física e a questão da deficiência.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão; Educação Física; Formação docente

1 INTRODUÇÃO

Apoio-me no conceito de inclusão em seu caráter amplo, processual, dialético que não privilegia somente uma parte da população e não se limita à inserção simples e ingênua de pessoas rotuladas como diferentes num ambiente do qual têm sido excluídos (SANTOS, FONSECA E MELO, 2009; SAWAIA, 2011). Booth e Ainscow (2012) reforçam a definição abrangente de inclusão no que se refere à redução de todas as pressões excludentes e de todas as desvalorizações porque passam quaisquer pessoas, seja com base em deficiências, rendimento, religião, etnia, gênero, classe, estrutura familiar, estilo de vida ou sexualidade.

Este artigo apresenta um pequeno recorte da tese intitulada 'Formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão:

reflexões sobre Brasil e Portugal' (FONSECA, 2014), realizada em duas Universidades públicas: Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD-UFRJ) e a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP).

Destaco, neste recorte, as análises e discussões acerca de uma questão que versava sobre o sentimento subjetivo de inclusão/exclusão (SAWAIA, 2011). Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo analisar as percepções dos professores e estudantes sobre situações de exclusão na sua instituição.

2 METODOLOGIA

Metodologicamente, constituiu-se numa pesquisa qualitativa, com abordagens quantitativas. O instrumento de coleta de dados foi o questionário, que teve como

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), michelepsf22@gmail.com

respondentes: 139 estudantes e 45 professores da EEFD/UFRJ e 89 estudantes e 19 professores da FADEUP. A pesquisa foi de cunho comparativo no sentido de identificar aproximações e distanciamentos em cada caso estudado, sem generalizações.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Perguntei se os respondentes já presenciaram (entre alunos, docentes ou funcionários) alguma situação de exclusão na sua instituição. A maioria dos estudantes brasileiros e portugueses assinalou que *não*.

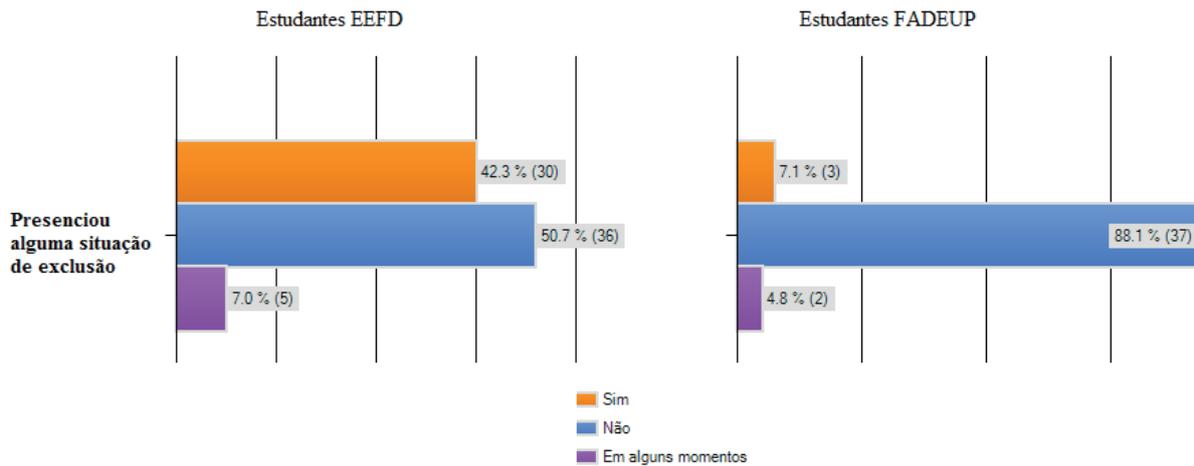


Gráfico 1: Presenciou situação de exclusão - estudantes
Fonte: Dados de pesquisa

A maioria dos professores de ambas as instituições também assinalaram *não*.

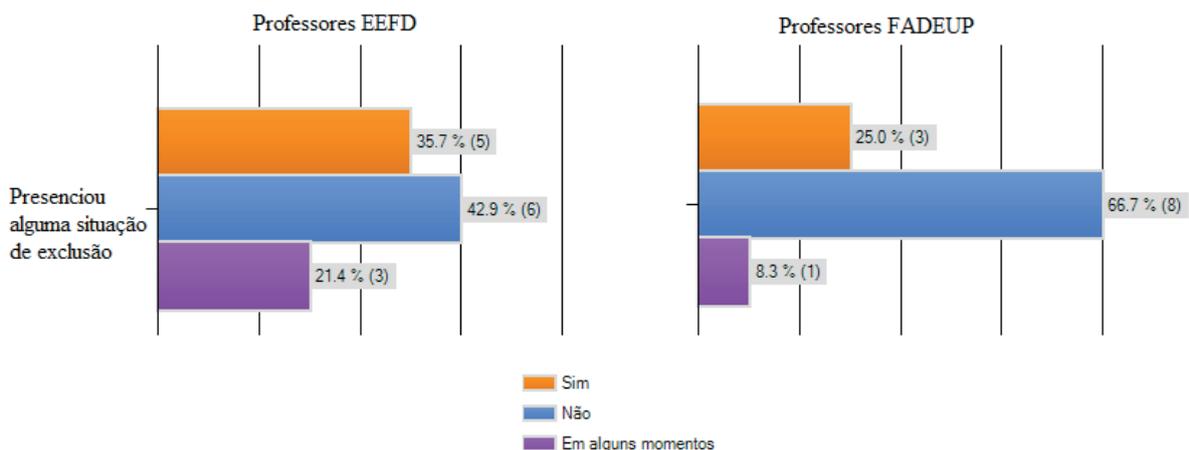


Gráfico 2: Presenciou situação de exclusão - professores
Fonte: Dados de pesquisa

Aos respondentes que marcaram *sim*, pedi que justificassem e a questão envolvendo o rendimento e a técnica esteve fortemente presente.

No X período, AULA DE X COM O “PROFESSOR” XX! Ele desmerece os alunos que não reproduzem a técnica, ignora as dificuldades ou as faz de piada para o restante da turma (estudante EEFD 96)

Por vezes uma pessoa morfológicamente não adequada para determinada prática é colocada de parte (estudante FADEUP 200)
Professores que acham que o aluno de educação física têm que ser um atleta e acabam discriminando os com menos aptidões (professor EEFD 15)

Nas décadas de 1950 a 1970, a escola, e especificamente a Educação Física, tinha um cunho tecnicista e militarista, sendo uma das principais vias de promoção ideológica do regime militar. Infelizmente, nota-se que tal influência ainda perdura na formação docente, contribuindo sobremaneira para o círculo vicioso excludente. Darido e Sanches Neto (2005) ressaltam quenessa fase da história, o rendimento, a seleção dos mais habilidosos, o papel diretivo e centralizador do professor e a repetição mecânica dos movimentos estão muito presentes no contexto da Educação Física escolar.

A questão do sobrepeso e do biotipo adequado para ser professor de Educação Física foi relatada por estudantes da EEFD. Percebo que tais questões estão muito ligadas à habilidade e rendimento também. Nessa análise, normalmente elenco uma fala representativa da questão discutida de cada grupo de respondentes, justamente porque não intenciono aqui fazer uma análise meramente quantitativa, e sim no sentido de discutir as falas que emergem das justificativas. Porém, para dar evidências dessa exclusão citada, reproduzi 2 falas muito enfáticas de estudantes na EEFD:

Na aula de X, uma aluna não conseguiu realizar XX [uma atividade prática], e passou mal, chegando a vomitar. Na ocasião, eu e outros colegas chamamos a atenção do professor que ignorou o fato e justificou o mal-estar da aluna pelo fato de ela estar acima do peso (estudante EEFD 122)

Aula de X, nessa aula tem uma aluna acima do peso e o professor pede pra ela fazer XX [uma atividade prática], e a menina não consegue dar mal 2 voltas na pista, antes de se encerrar a aula ele cita-a como exemplo de não ter conseguido correr porque ela não serve pra educação física, isso porque é “gorda” para outros alunos (estudante EEFD 84)

Infelizmente o professor de Educação Física ainda “é considerado e tratado como educador do físico, ou seja, treinador, domador de corpos” (SILVA, 2012, p.21). Nesse sentido, a supervalorização do corpo atlético e perfeito, seja na formação ou na ação docente do professor de Educação Física, ainda é flagrante e alvo de exclusões caso não esteja no “padrão” esperado.

Obviamente a obesidade é um fator de risco trazendo prejuízos à saúde do indivíduo, porém, o que aponto aqui é que toda forma de exclusão deve ser combatida, especialmente vindo de professores formadores, que deveriam dar exemplo de orientação e não de discriminação. Nesse sentido, um professor/estudante de Educação Física deve obrigatoriamente ser atlético para ratificar o rótulo de modelo corporal? Sua capacidade enquanto profissional/estudante fica fadado à questão meramente física? Esse processo de exclusão é alimentado pela concepção de corpo atualmente. Chicon (2008) afirma que:

na sociedade atual, ainda há uma supervalorização do corpo robusto, perfeito, belo, atlético que, com a influência da mídia, ganha contornos de adoração (“corpolatría”, culto ao corpo), em detrimento dos corpos considerados imperfeitos, feios, degenerados, como o corpo deficiente, obeso, sacrificado pelo trabalho árduo, pela miséria ou outra causa orgânica e social (p.21)

Chicon complementa que ainda há o entendimento de que somente pode se tornar professor de Educação Física aquele que souber demonstrar a tarefa ao seu aluno. Por conta desse pensamento que perdura da década de 1950 até hoje, infelizmente ainda vemos episódios como a professora de Educação Física que foi vetada na perícia médica de um concurso público para dar aulas na escola por ser obesa³.

Com base nos depoimentos acima relatados, noto claramente que essa questão ligada ao rendimento e ao biotipo é muito mais evidenciada nas falas dos respondentes da EEFD que da FADEUP. Os dados provenientes dos respondentes da EEFD apontam que as diferenças não são invisibilizadas nesse aspecto, e sim, são discriminadas sumariamente. O que nos leva a discrepância com os dados vindo dos respondentes da FADEUP? Será que lá estão invisibilizados, por isso não aparecem? Será a normalização da discriminação? Por outro lado, há que se considerar também as diferenças culturais entre Brasil e Portugal, ou seja, o culto ao/percepção de corpo lá provavelmente é diferente do que se cultua/percebe por aqui, e esse aspecto precisa ser melhor pesquisado em outras investigações.

Os estudantes da EEFD e professores de ambas as instituições também relataram casos de exclusão envolvendo deficiência, especificamente auditiva. Mais uma vez enfatizo que a minha intenção aqui não é fazer uma análise quantitativa dos dados, porém não posso deixar de mencionar que muitos estudantes da EEFD comentaram este fato.

Houve um caso de um aluno surdo ter sido repreendido por um professor que fala de costas para a turma e um outro aluno tinha que falar tudo para ele. A professora nem quis saber que o aluno era surdo e mandou parar que estava atrapalhando a aula (estudante EEFD 175)

A EEFD teve um aluno deficiente auditivo, que foi para uma universidade para surdos no Sul, pois se sentia deslocado entre os demais (professor EEFD 38)
Um aluno surdo que, segundo o professor, “entendia tudo”, por isso, não fazia porque não queria. Este exemplo mostra como a falta de conhecimento limita a atuação do professor (professor FADEUP 1)

É necessário lembrar que o decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), assegura que as instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. Além disso, devem prover tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, o que não aconteceu nesse caso.

As falas bastante incisivas acima apresentadas, aliadas a obrigatoriedade do decreto mencionado, levam-me a reflexão sobre o acesso e a permanência no Ensino Superior, bem como a formação continuada de professores. Noto que as políticas públicas cada vez mais permitem o acesso à Educação, porém não há apoio e recursos visando à permanência com qualidade de todos os alunos.

Pelo menos nos dados dessa pesquisa, vejo que situações como estas são mais narradas por respondentes da EEFD, especialmente estudantes, porém não dá para

3 Reportagem da Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0302201111.htm>

afirmar que tais exemplos de exclusões como essas não acontecem (ou acontecem menos) na FADEUP (Portugal) do que aqui na EEFD (Brasil), pois pode ser que essas pessoas sejam tão invisibilizadas que não são notadas, ou que os estudantes não se veem com voz para apontar tais exclusões. Posso, então, lançar um questionamento sobre a inclusão perversa, ou seja, os estudantes passam por exclusões, mas isso é velado? As diferenças são invisibilizadas? Sawaia (2011) corrobora tal visão, pois entende exclusão como um descompromisso político com o sofrimento do outro, portanto, não olhar pro outro é não reconhecer a exclusão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos respondentes assinalarem não para a questão aqui apresentada, as justificativas transpareceram exemplos de invisibilidade ou exclusão. Fica evidente que os estudantes ainda são formados predominantemente na perspectiva do *saber fazer* em detrimento do *saber ensinar*. É necessária uma mudança urgente neste olhar, pois, este é um dos maiores relatos de exclusão.

Essa exclusão, conforme aponta Sawaia (2011), é complexa e multifacetada, acontece de diferentes maneiras e precisam ser percebidas para que sejam combatidas. Para isso, é importante caminhar para uma visão contemporânea de Educação Física não só no discurso, mas nas culturas e nas práticas efetivamente, bem como ter um olhar atento para considerar a diversidade, distanciando-se do foco exacerbado nas questões físico-corporais, de rendimento e biologizantes, em detrimento de um cunho político, fundamental para orientar uma formação inclusiva, crítica e reflexiva.

SITUATIONS OF EXCLUSION IN THE UNIVERSITY: THE PERCEPTION AND TEACHERS AND STUDENTS

ABSTRACT: This paper aims to analyze the perceptions of teachers and students about situations of exclusion in their institution. It consisted of a qualitative research, with quantitative approaches through a questionnaire directed to the respondents. The results showed that the situations of perceived exclusion involved the emphasis on practices and technique, overweight and biotype adequate to be a teacher of Physical Education and the issue of disability

KEYWORDS: Inclusion; Physical Education; Teacher Education

SITUACIONES DE EXCLUSIÓN EN LA UNIVERSIDAD: LA PERCEPCIÓN DE PROFESORES Y ESTUDIANTES

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo analizar las percepciones de los profesores y estudiantes acerca de los motivos de exclusión en su institución. Constituyó una investigación cualitativa con los enfoques cuantitativos a través de un cuestionario dirigido a los encuestados. Los resultados mostraron que las situaciones de exclusión percibidos implicados el énfasis en práctica y técnica, el sobrepeso e el tipo de cuerpo para a ser un maestro de educación física y el tema de la discapacidad.

PALABRAS CLAVE: Inclusión; Educación Física; Formación del profesorado

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626**. Brasília: MEC, 2005

BOOTH, T.; AINSCOW, M. **Index Para a Inclusão**: Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. UNESCO/CSIE, 2012

CHICON, J.F. Inclusão e exclusão no contexto da Educação Física escolar. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 13-38, jan./abr., 2008.

DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. O contexto da educação física na escola. IN: DARIDO, S. C.; RANGEL, I.R.A. (orgs). **Educação física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 50-61.

FONSECA, M.P.S. **Formação de professores de Educação Física e seus desdobramentos na perspectiva dos processos de inclusão/exclusão: reflexões sobre Brasil e Portugal**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SANTOS, M.; FONSECA, M.; MELO, S. **Inclusão em Educação**: diferentes interfaces. Curitiba: CRV, 2009

SAWAIA, B. **Artimanhas da exclusão**: Análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2011

SILVA, A.P. **Corpo, inclusão/exclusão e formação de professores**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.